

O PORTUGUÊS
COMO
PROCESSO DE
ACOLHIMENTO
INTERCULTURAL:
CONSTRUÇÃO
DE UMA
IDENTIDADE EM
DESLOCAMENTO

[ARTIGO]

Neide Tomiko Takahashi

Universidade de São Paulo

Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

Investiga-se, neste artigo, o processo de construção de identidades multiculturais nos deslocamentos voluntários e forçados para o Brasil, dentro do contexto das migrações internacionais das últimas décadas. Com o objetivo de compreender o cenário do ensino da língua portuguesa para estrangeiros como processo que contribui no acolhimento intercultural, analisam-se as inter-relações da problemática do percurso de integração e do direito de apropriação do português, sob a perspectiva de que língua e cultura fazem parte da mesma dimensão comunicativa.

Palavras-chave: Migrações. Português como língua de acolhimento. Identidade multicultural.

This study investigates the construction process of multicultural identities in voluntary and forced displacements in the international migration context to Brazil in recent decades. We analyze the interrelationships of the inclusion problem and the right to learn Portuguese to assess the scenario of teaching Portuguese to foreigners as a process which contributes to their intercultural reception from the perspective that language and culture lie within the same communicative dimension.

Keywords: Migrations. Portuguese hosting language. Multicultural identity.

Este artículo analiza el proceso de construcción de identidades multiculturales en los desplazamientos voluntarios y forzados desde el contexto de las migraciones internacionales a Brasil en las últimas décadas. Con el objetivo de comprender el escenario de la enseñanza del portugués a extranjeros como un proceso que contribuye a la recepción de la interculturalidad, se analizan las interrelaciones de la integración con la apropiación del portugués con base en la perspectiva de que la lengua y la cultura forman parte de la misma dimensión comunicativa.

Palabras clave: Migraciones. Portugués como lengua de acogida. Identidad multicultural.

Aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores (Bakhtin, 2004, p.147).

Introdução

No contexto dos deslocamentos humanos, o reflexo internacional das migrações estrangeiras ao Brasil revela uma lacuna entre as políticas públicas e a prática de acolhimento. Ressalta-se que a imigração no Brasil do século XXI ocorreu de forma mais expressiva entre os anos 2000 e 2020, especialmente na última década, quando o fluxo de grupos migratórios, especialmente de refugiados, aumentou de forma exponencial. As circunstâncias de migrações são variadas, destacando-se os deslocamentos forçados – como a fuga de guerras, de desastres naturais, de repressões e perseguições políticas ou religiosas e de violações aos direitos humanos – e a busca por oportunidades de trabalho, almejando uma vida digna.

Conhecido como um país receptivo aos estrangeiros e à boa convivência com suas culturas, seria possível afirmar que tal imaginário, na realidade, está consolidado democraticamente para todos?

Embora o Brasil ainda projete a imagem de um país bastante receptivo a turistas, pesquisadores e empresários estrangeiros, a percepção de órgãos de auxílio a imigrantes expatriados – como o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), agência da Organização das Nações Unidas (ONU) voltada a refugiados –, revela outra perspectiva da realidade:

haveria um tratamento diferenciado ao migrante vulnerável, refugiado, sem condições socioeconômicas. Qual seria, então, o processo de integração a uma nova cultura diante de tais condições?

Nesse sentido, com o número de pedidos de residência e refúgio potencializados, cabe investigar o mosaico de condições de imigrações, observando como o país absorve os novos fluxos de pessoas em meio a tensões entre o acolhimento e a desconfiança, entre a recepção e o isolamento de uma nova cultura, junto à falta de políticas públicas efetivas para as demandas educativas de cursos de português para refugiados e imigrantes sem recursos.

Sob essa perspectiva, objetiva-se debater a inserção de migrantes estrangeiros jovens e adultos¹ por meio da análise de sua primeira barreira de comunicação, a aprendizagem e interação do português como língua de acolhimento (PLAc) e sua relação com a problemática do percurso de integração de identidades multiculturais no Brasil.

Considerando que língua e cultura fazem parte de uma mesma esfera comunicativa, verifica-se a necessidade de investigar os aspectos que permitem tal interação no processo de apreensão de uma nova língua e de integração sociocultural que respeitem seu modo de vida diferenciado, sua singularidade.

¹ O perfil infante-juvenil pode ter acesso ao sistema de ensino básico, segundo a Lei de Migração (Lei nº 13.445/2017), nas duas referências à educação. A primeira, no artigo 3º (inciso XI), descreve sua garantia junto à assistência pública. A segunda, no artigo 4º (inciso X), refere-se ao direito à educação “vedada a discriminação em razão da nacionalidade e da condição migratória” (BRASIL, 2017).

Para isso, serão apresentados os contextos de migração ao Brasil, as análises das estruturas oferecidas à população estrangeira em situação de refúgio, além de depoimentos veiculados na mídia e no livro *Narrativas: exílios e encontros* (MVANGI et al., 2021), com o propósito de debater as condições de acolhimento a sua disposição, considerando a identidade cultural de origem e a perspectiva em seu processo de assimilação intercultural em um novo país.

A imigração no Brasil do século XXI tem ocorrido de forma mais expressiva entre os anos de 2010 e 2020, período em que houve um grande crescimento nos números de pedidos de refúgio. Terremoto e pobreza extrema no Haiti,

fuga da Venezuela, conflitos armados na Síria e República Democrática do Congo, saída do Afeganistão e, em 2022, a guerra na Ucrânia, entre outros fatores e países, foram as maiores causas para tais pedidos.

O contexto dos estrangeiros à nossa porta

Segundo o Gráfico 1, é possível compreender uma alta na tendência do número de pedidos de reconhecimento para refugiados de 2019 até 2020, período de queda no início da pandemia de covid-19, e uma retomada nos meses finais de 2021.

[Gráfico 1]

Número de solicitações de reconhecimento da condição de refugiado, por mês de registro – Brasil, 2019-2021



Fonte: Cavalcanti et al. (2021)

[Quadro 1]

Número de refugiados reconhecidos², segundo país de nacionalidade ou de residência habitual, Brasil, 2011-2020

País de nacionalidade ou residência habitual	Número de reconhecidos
Total	53.835
VENEZUELA	46.412
SÍRIA	3.594
REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO	1.050
LÍBANO	375
PAQUISTÃO	313
ESTADO DA PALESTINA	278
COLÔMBIA	230
CUBA	208
MALI	148
IRAQUE	122
OUTROS PAÍSES	1.105

Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados da Coordenação-Geral do Comitê Nacional para os Refugiados (CG-CONARE/MJSP), 2020.

Fonte: Cavalcanti et al. (2021)

[Quadro 2]

Número de solicitações de reconhecimento da condição de refugiado, segundo principais países – Brasil, abril/2021 e março e abril de 2022

Principais países	abril/21			março/22			abril/22	
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens
Total	818	461	357	3.983	2.198	1.785	2.748	1.517
VENEZUELA	534	265	269	2.874	1.488	1.386	1.786	907
ANGOLA	59	32	27	218	115	103	231	118
CUBA	46	25	21	233	128	105	194	105
AFEGANISTÃO	-	-	-	87	59	28	72	44
NIGÉRIA	5	3	2	92	84	8	50	36
LÍBANO	7	4	3	33	31	2	47	38
CHINA	12	7	5	93	67	26	36	27
MARROCOS	3	3	-	33	27	6	19	16
COLÔMBIA	3	3	-	38	22	16	18	14
PERU	4	3	1	40	17	23	11	7
UCRÂNIA				2	1	1	5	2
OUTROS	145	116	29	240	159	81	279	203

Fonte: Cavalcanti et al. (2022)

É possível conferir no Quadro 1 (processos deferidos entre 2011 e 2020) e no Quadro 2 (processos em análise entre abril de 2021 e 2022) – ainda que oscilem a cada mês e ano como reflexos do quadro geopolítico mundial – os números de solicitações

de refúgio e os principais países de origem, com destaque para as variações em relação à inclusão de angolanos e afegãos, a retomada de cubanos, a diminuição de sírios e congoleses, e o início da inserção de ucranianos no início de 2022.

No Quadro 3, destacam-se os municípios mais procurados nas solicitações de refúgio, enfatizando-se a Região Norte, grande

² O total de solicitações no mesmo período foi de 265.729.

polo de destino de venezuelanos; o grande fluxo de registros para São Paulo; e o crescimento na Região Sul na busca por oportunidades de trabalho. É necessário observar que as políticas públicas não acompanharam

tais deslocamentos, tampouco as legislações vigentes, o que se reflete na fragilidade de ambientes precários de habitação e falta de estrutura social para essa população, que se torna mais vulnerável.

[Quadro 3]

Número de registros de migrantes, por mês de registro, segundo principais municípios, abril/2021 e março e abril de 2022

Brasil e principais municípios	Abril/21	Março/22	Abril/22
Brasil	9 425	23 784	20 092
AM - MANAUS	499	2 551	2 314
CE - REDENÇÃO	-	-	267
MG - BELO HORIZONTE	67	233	240
PR - CURITIBA	307	593	682
PR - FOZ DO IGUAÇU	146	343	364
RJ - RIO DE JANEIRO	233	469	414
RR - BOA VISTA	1 558	4 794	3 668
RR - PACARAIMA	338	2 240	1 418
SC - CHAPECÓ	82	284	225
SP - SÃO PAULO	1 022	2 173	1 911
outros	5 173	10 104	8 589

Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados da Polícia Federal, Sistema de Registro Nacional Migratório

Fonte: Cavalcanti et al. (2022)

Quanto às questões legais, houve avanço estrutural até 2022, com modificações para atender às demandas do fluxo migratório nos últimos anos como resultado de reivindicações da sociedade civil. Um exemplo disso é a nova Lei de Migração, a Lei nº 13.445, sancionada em 2017, em substituição ao Estatuto do Estrangeiro (Lei nº 6.815/1980), que discriminava as atuações de estrangeiros em terras brasileiras. Além disso, definiu-se a Lei nº 9.474/1997 como um dos principais instrumentos de proteção de refugiados no Brasil.

A liberdade de expressão e a possibilidade de participação são assegurados, ainda, na *Declaração universal de direitos humanos* (ONU, 2018), que inclui o *Pacto internacional dos direitos econômicos, sociais e culturais*, para a participação na vida

cultural, e a *Convenção Internacional sobre a eliminação de todas as formas de discriminação racial*.

Cabe distinguir as migrações voluntárias, que almejam melhores condições de sobrevivência, e as migrações forçadas, que abrangem os refugiados. Em geral, é preciso reconhecer a situação socioeconômica vulnerável como ponto comum, o que engloba a condição de refúgio.

Nas concepções do Acnur (EDWARDS, 2015): “Dizemos ‘refugiados’ quando nos referimos a pessoas que fugiram da guerra ou perseguição e cruzaram uma fronteira internacional. E dizemos ‘migrantes’ quando nos referimos a pessoas que se deslocaram por razões que não se encaixam na definição legal de refugiado”.

Com isso, entende-se que os refugiados são pessoas deslocadas à força, obrigadas a saírem de suas casas e procurarem abrigo além das fronteiras de seu país de origem.

O termo *pessoas deslocadas à força* abrange refugiados, solicitantes da condição de refugiado, pessoas deslocadas internamente e venezuelanos deslocados para o estrangeiro. Inclui refugiados e outras pessoas deslocadas não cobertas pelo mandato do Acnur e exclui outras categorias, como repatriados e apátridas não deslocados (20 DE JUNHO, 2022).

Os números são expressivos, chegando à marca global alarmante de 100 milhões de pessoas refugiadas, como descreve o relatório do Centro de Monitoramento de Deslocados Internos de 2022 (ACNUR, 2022): “maior que 1% da população mundial, o número total é equivalente ao 14º país mais populoso do mundo”.

Tal situação reflete questões humanitárias contemporâneas no Brasil, cujos processos de acolhimento são complexos e falhos, relegando à sociedade civil a ajuda para preencher grandes lacunas no âmbito social, mesmo quando existem direitos reconhecidos, como no caso da educação formal infanto-juvenil em idade escolar ou no ensino de jovens e adultos, pois

sabe-se que, apesar da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) defender que a educação escolar pública deve ser um direito garantido a todos (Brasil, 1996), vários são os desafios que os imigrantes em idade escolar enfrentam tanto no acesso quanto na permanência nas escolas. Falta de documentação, domínio do idioma, xenofobia e ausência de suporte por parte do Estado são algumas

das dificuldades enfrentadas pelas famílias de imigrantes (CAVALCANTI; OLIVEIRA; SILVA, 2021, p. 255).

Outro entrave a ser observado, de acordo com o Acnur (2022), são os novos fluxos de estrangeiros acompanhados por casos de xenofobia, o que não é diferente no Brasil, com algumas oscilações seletivas entre o preconceito e o racismo:

É comum que, por trás dos casos de xenofobia, haja também o racismo implícito, pois a origem nacional de uma pessoa implica, muitas vezes, uma etnia diferente. Inclusive, fica difícil determinar até onde o preconceito xenofóbico existe por conta própria ou baseado no racismo. [...] uma marca profunda da xenofobia brasileira é a seleção dos migrantes cultural e etnicamente rejeitados. Enquanto há uma boa recepção de judeus, orientais e europeus, as populações indígenas nativas de outros países, as populações negras e os muçulmanos são rejeitados. Essa marca é mais uma evidência da aliança estreita entre racismo e xenofobia (AMORELLI, 2020).

Nesse sentido, cria-se uma ambiguidade na recepção aos migrantes e em sua convivência diária em novas terras, com um obstáculo inicial comum a todos que agrava a condição de vulnerabilidade: a falta de domínio da língua portuguesa para comunicação.

Existem iniciativas de organizações não governamentais (ONGs), governos locais, instituições religiosas e universidades conveniadas com a Acnur para o acolhimento dos imigrantes por meio do ensino de português, a fim de amenizar a falta de

domínio inicial da língua no Brasil. Em geral, por causa da mobilidade dos estrangeiros recém-chegados, tais iniciativas oferecem instrumentação básica que permita certa autonomia autodidata.

Muitos refugiados (48%) disseram ter aprendido português sozinhos, no dia a dia – mais de 70% afirmaram ter um relacionamento próximo com brasileiros. Os que fizeram curso do idioma estudaram, em média, sete meses. Só 30% deles não tiveram nenhuma ajuda ao chegar ao Brasil. Entre os demais, a maioria foi atendida por ONGs, igrejas ou mesquitas (MANTOVANI, 2022)³.

De acordo com o Comitê Nacional para Refugiados (Conare), criado pela Lei nº 9.474/1997 (BRASIL, 1997) com o objetivo de reconhecer e tomar decisões sobre a condição de refugiado de pessoas que buscam proteção internacional no Brasil, cabe às instâncias regionais criarem políticas públicas para recebê-los. No entanto, verifica-se que “a oferta de cursos de português limita-se às universidades, entidades religiosas e ONGs diversas. Poucos estados ou municípios preocupam-se com isso demonstrando ausência de qualquer política de acolhimento e/ou de integração” (ACNUR, 2019, p.15). Vale observar que, só em 2020, o número de refugiados que obtiveram reconhecimento legal no país atingiu a marca de 26.577 pessoas (CAVALCANTI; OLIVEIRA; SILVA, 2021, p. 42).

³ O levantamento, realizado pela ONG Estou Refugiado com o Instituto Qualibest entre janeiro e setembro de 2021, entrevistou 503 refugiados ou solicitantes de refúgio.

Por trás dos números de gráficos que trazem um panorama de pessoas que pediram refúgio, estão identidades em transposição, com vontade de retornar à terra de origem. Muitos, porém, trazem a expectativa de recomeçar a existir no Brasil e a recusa por voltar a lugares de memórias que não existem mais na realidade, junto a vários sentimentos em conflito:

O sentimento predominante na chegada foi saudade da família (49%), seguido pelo o de alívio (33%), alegria (30%) e medo (29%). Mais de 75% dos entrevistados disseram que seu maior desejo é dar uma vida melhor aos filhos, e 30% não querem voltar ao país de origem nem mesmo temporariamente (MANTOVANI, 2022)⁴.

Com isso, pode-se refletir, para além dos quadros e gráficos, sobre a bagagem de consciências, sentimentos e culturas em que vivem essas “almas” em deslocamento.

Ora, quando se pensa na imigração, o grande fenômeno de deslocamento espacial dos séculos XIX e XX, observa-se evidentemente um correspondente deslocamento de almas, além daquele correspondente a pessoas, famílias, pertences, moedas, força de trabalho. Visões de mundo, conceitos, ideologias, atitudes, fé religiosas, sonhos, mitos, fábulas, contos folclóricos, ideias, valores, sentimentos, fantasias, amores, ódios, saudades e amargos ressentimentos também migram sem malas nem baús. Ou seja, o inconsciente grupal e nacional

⁴ O levantamento, realizado pela ONG Estou Refugiado com o Instituto Qualibest entre janeiro e setembro de 2021, entrevistou 503 refugiados ou solicitantes de refúgio.

também atravessa o mar, como entre nós vem ocorrendo desde os alvares do século XVI, com a chegada dos portugueses e dos primeiros escravos africanos (GAMBINI, 2006, p. 267).

Entre a alteridade multicultural e a identidade intercultural

É possível afirmar que muitos imigrantes tenham a percepção, em um primeiro momento, de sua identidade de origem pouco inserida em terras estrangeiras. Aprender outra língua é romper com a certeza anterior para compreender e assimilar outra cultura, expondo um movimento dialético aos que se propõem à aquisição, mas, também, para alguns, o temor do apagamento ou rejeição de sua cultura natal. Há, portanto, uma relação imbricada entre língua, cultura e identidade, uma vez que os dois primeiros elementos fazem parte da mesma dimensão no processo de experiências vivenciadas, e o último se constrói com base na cultura mediada pela língua.

Nesse contato com o outro, estranho e diferente, uma alteridade multicultural permite ser reinventada – mais no sentido de reconhecer e coexistir com o outro, e menos na ideia de não ser mais o eu anterior. Trata-se de um deslocamento de identidades.

Embora complexo, se a perspectiva do multiculturalismo reflete as diferentes culturas em um espaço social de convivência, reconhecendo e respeitando-as, a interculturalidade pressupõe a interação de tais

culturas, reconhecendo sua síntese horizontal por meio das trocas de experiências e transformações de referências e aprendizado.

O migrante, como cada um de nós, através da língua, corporifica uma identidade para si e para os outros e se isso não garante a estabilidade, pelo menos lhe dará um invólucro de proteção para a circulação espaço-temporal. A experiência do deslocamento leva o migrante a viver o aqui e o agora em referência do antes e do depois, em que o passado retido, deslocado para o espaço anterior à viagem, sempre insistirá nas narrações, na escrita, emergindo sua presença na reconstituição de suas vidas. Viver entre duas culturas é uma das características da migração e implica escolher sempre entre o eu e o outro. **Um período de crises e aprendizagens e de negociação com a própria identidade, com os próprios valores, com a identidade grupal, envolvendo relações familiares, de gênero, intergeracionais, étnico-raciais, enfim, com vasta gama de manifestações ligadas à vida** (VÉRAS, 2017, p. 52, grifos nossos).

Vale refletir que, para se atingir a comunicação social nesse entremeio de duas culturas, é preciso compreender e interpretar a língua como o fator mais influente para se apreender uma identidade cultural. Afinal, o modo de falar é um modo de agir; a forma como pedimos, conversamos, narramos e produzimos arte em uma mesma comunidade linguística faz parte da construção dessa identidade coletiva na convivência de uma sociedade em comum – “contudo, seria errôneo ver essas tendências como algo singular ou não ambíguo. Na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas” (HALL, 2003, p. 27).

Conforme Hall (2006),

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2006, p. 13).

Essa identidade múltipla e cambiante revela a condição própria de ser estrangeiro em busca de uma interação que permita mesclar a sua cultura e diminuir as diferenças das relações humanas no que tange às suas fronteiras de reconhecimento ou de diferenças:

A unificação de proximidade e distância envolvida em toda a relação humana organiza-se, no fenômeno do estrangeiro, de um modo que pode ser formulado de maneira mais sucinta, dizendo-se que, nesta relação, a distância significa que ele, que está próximo, está distante; e a condição de estrangeiro significa que ele, que também está distante, na verdade, está próximo, pois ser um estrangeiro é naturalmente uma relação

muito positiva: é uma forma específica de interação (SIMMEL, 1983, p. 182).

Pensando nessa interação referida pelo autor, tanto em diálogos quanto em relações de convivência plural, o que levaria a uma unidade coerente, em um movimento de identificação, é a relação entre indivíduos e seus conhecimentos socioculturais.

Com isso, unir línguas e culturas torna a construção de conhecimentos mais permeável, trocando o ruído incompreensível pela resignificação de seu percurso identitário, a partir do lugar de origem, passando por sua trajetória, seguindo adiante e experienciando viver em um novo espaço geográfico, linguístico e cultural, ao atravessar as fronteiras para o reconhecimento de sua presença nessa nova existência:

Em contraste, a “dimensão intercultural” no ensino de línguas visa desenvolver alunos como falantes ou mediadores interculturais que sejam capazes de se envolver com complexidade e identidades múltiplas e evitar os estereótipos que acompanham a percepção de alguém através de uma identidade única. É perceber o interlocutor como um indivíduo cujas qualidades devem ser descobertas, e não como representante de uma identidade atribuída externamente. Comunicação intercultural é a comunicação baseada no respeito pelos indivíduos e igualdade de direitos humanos como base democrática para a interação social (BYRAM; GRIBKOVA; STARKEY, 2002, p. 9, tradução nossa)⁵.

5 No original: “In contrast the ‘intercultural dimension’ in language teaching aims to develop learners

A falta de compreensão com seu modo de falar, de agir e de ser no mundo muitas vezes causa, paradoxalmente, não só acolhimento, mas estranhamento e medo (BAUMAN, 2017). Trata-se de um estranho que nos desconcerta por perdermos o vínculo no ideal de uma identidade única ao nos reconhecermos atravessados por uma alteridade fragmentada, considerando que as identidades existem na relação do mesmo e com o outro, um outro ser-de-palavra que provoca estranheza por ser intelectualmente desconhecido e incerto, pelo menos à primeira vista. De maneira que o estranho seria algo ainda a ser abordado, compreendido pela consciência.

Sob esse aspecto, do ponto de vista psicológico,

a consciência é o sentimento de nossa própria identidade: é o eu, um fluxo temporal de estados corporais e mentais, que retém o passado na memória, percebe o presente pela atenção e espera o futuro pela imaginação e pelo pensamento. O eu é o centro ou a unidade de todos esses estados psíquicos. [...] A consciência psicológica ou o eu é formada por nossas vivências, isto é, pela maneira como sentimos e compreendemos o que se passa em nosso corpo e no mundo que

nos rodeia, assim como o que se passa em nosso interior (CHAUI, 2000, p. 147).

Da mesma forma que não podemos configurar ou representar uma cultura nacional pura, não é possível idealizar que haverá uma proficiência da língua equivalente ao falante nativo, uma vez que se considere a interação com seus saberes de origem, sua representação de cultura, como elemento de construção linguística de uma identidade plural, híbrida e, ao mesmo tempo, singular em sua constituição.

[...] o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade” (BAUMAN, 2004, p. 17).

Torna-se necessário compreender essa “reidentificação” que emerge de sua cultura de origem, junto a outros migrantes conterrâneos, e se mescla à identidade simbólica dessa população em terras brasileiras em sua “re-existência”. Assim, se a palavra cultura

descreve uma decisiva transição histórica, ela também codifica várias questões filosóficas fundamentais. Num único termo, os contornos de questões como liberdade e determinismo, atividade e resistência, mudança e identidade, o que é dado e o que é criado, surgem difusamente. Se cultura significa a procura ativa de

as intercultural speakers or mediators who are able to engage with complexity and multiple identities and to avoid the stereotyping which accompanies perceiving someone through a single identity. It is based on perceiving the interlocutor as an individual whose qualities are to be discovered, rather than as a representative of an externally ascribed identity. Intercultural communication is communication on the basis of respect for individuals and equality of human rights as the democratic basis for social interaction.”

crescimento natural, a palavra sugere, então, uma dialética entre o artificial e o natural, aquilo que fazemos ao mundo e aquilo que o mundo nos faz (EAGLETON, 2003, p. 12-13).

Ainda segundo o autor,

à medida que a nação pré-moderna dá lugar ao moderno Estado-nação, a estrutura dos papéis tradicionais já não consegue manter a sociedade unida, e será a cultura, na acepção de língua comum, tradição, sistema educativo, valores partilhados e similares, que avançará como princípio de unidade social. Por outras palavras, a cultura adquire relevância intelectual quando se transforma numa força que tem de ser politicamente considerada (EAGLETON, 2003, p. 40-41).

Nesse sentido, apropriar-se de uma língua nova envolve quebrar barreiras, superar o desconforto, e construir pontes para a comunicação dentro de contextos políticos, visto que

na diáde “língua e cultura”, língua não é uma porção de formas linguísticas arbitrárias aplicadas a uma realidade cultural que pode ser encontrada fora da língua, no mundo real. **Sem a língua e outros sistemas simbólicos, os hábitos, as crenças, as instituições e os monumentos que chamamos de cultura seriam apenas realidades observáveis e não fenômenos culturais.** Para se tornar cultura, eles têm de ter significado, pois é o significado que damos a comidas, jardins e formas de vida que constitui a cultura (KRAMSCH, 2017, p. 139, grifos nossos).

A autora ainda valida uma versão da língua como um semiótico social:

a língua como um sistema simbólico tem uma tripla relação com a realidade social:(1) ela representa a realidade social ao se referir ao mundo exterior (por exemplo, um mundo de jardins e residências); (2) ela expressa a realidade social ao indexar identidades sociais e culturais (por exemplo, a estratificação social dos papéis e das funções que as pessoas exercem); (3) ela é uma metáfora para a realidade, pois representa – ou é um ícone de – um mundo de crenças e práticas que chamamos de “cultura” (por exemplo, no caso em questão, os hábitos relacionados a trabalho e lazer, jardinagem e culinária) (HALLIDAY, 1978 *apud* KRAMSCH, 2017, p. 140).

Além dessas características, se por um lado ocorre uma mudança no indivíduo estrangeiro, por outro configura-se a mudança no cenário do país, que contribui para a formação coletiva heterogênea a partir de sua inserção na sociedade e em sua percepção de pertencimento, abrindo a possibilidade de convivência cultural sem que haja sobreposições. Afinal, “como poderíamos tolerar o estrangeiro se não nos soubermos estrangeiros para nós mesmos?” (KRISTEVA, 1994, p. 191).

Assim, torna-se fundamental o ensino da língua portuguesa em situações usuais como mediação de tensões culturais, com referências inscritas pelos falantes maternos em contextos que façam sentido no cotidiano e permitam evitar a sensação de desamparo e conflito.

Língua de acolhimento

O diálogo intercultural, como forma de relação e produção de sentidos, é mediado pela língua, que promove aos estrangeiros, igualmente, os saberes sociais que lhes permitem reconhecer e expressar seu lugar no mundo junto a sua existência nesse novo espaço. É a partir da aprendizagem da língua e de sua apropriação que se inicia o processo de integração do sujeito no país, seja para a inserção no mercado de trabalho ou nos estudos, uma vez que, por meio dela, ele pode ampliar sua existência na sociedade.

Sem a relação de dominador, a língua de acolhimento promove o ensino solidário de português voltado para os imigrantes e refugiados adultos, sem a imposição da língua-alvo ou a obrigação do apagamento de sua língua materna. Sua configuração remonta ao ensino de português para falantes de outras línguas, caracterizando a abordagem para estrangeiros imigrantes com espaço para a construção da interculturalidade.

Acolher é, nesse âmbito, não reprimir suas vozes ou sua cultura, mas auxiliá-las para que possam se expressar e criar alteridades, reconstruindo caminhos e conexões a fim de superar a distinção de ser o outro sem que se anulem suas origens, observando que, “quando as pessoas estão falando umas com as outras, suas identidades sociais são, inevitavelmente, parte da interação social entre eles” (BYRAM; GRIBKOVA; STARKEY, 2002, p. 9, tradução nossa)⁶.

⁶ No original: “[...] when people are talking to each other their social identities are unavoidably part of the social interaction between them”.

O ensino como abordagem do português como língua de acolhimento é referenciado há mais de uma década no Brasil, considerado não somente em sua esfera instrumental para a comunicação, mas também como uma ferramenta de emancipação no sentido freiriano de autoconhecimento da cultura, participação e reconhecimento social (FREIRE, 1987, 1996).

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante [...] A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado. Tem que ver diretamente com a assunção de nós por nós mesmos (FREIRE, 1996, p. 19).

Na concepção de Freire (2011, p. 67), o direito de comunicação, de interagir com o outro, o direito do sujeito de expressar sua palavra ao mundo, “é então indispensável ao ato comunicativo, para que este seja eficiente, o acordo entre os sujeitos, reciprocamente comunicantes. Isto é, a expressão verbal de um dos sujeitos tem que ser percebida dentro de um quadro significativo comum ao outro sujeito”. Trata-se de uma primeira condição para o acolhimento social e, conseqüentemente, para a sua participação.

Já no contexto do ensino de português para falantes de outras línguas, Amado

(2013, p. 7) considera que “há uma grande lacuna, assim, no trabalho do ensino de português como língua de acolhimento para aqueles estrangeiros que chegam ao Brasil em situação de miséria moral e muitas vezes com pouquíssimos recursos financeiros”. Ela aponta a dificuldade de institucionalizar o ensino da língua de acolhimento sem o apoio de políticas públicas, uma vez que os cursos oferecidos são ministrados por voluntários de diversas áreas e alocados em imóveis de institutos ligados à sociedade civil. A falta de políticas linguísticas centraliza nesses voluntários não somente um papel no ensino para a comunicação, mas também na promoção de cidadania e humanização.

Se a língua portuguesa possui características multifacetadas, reconhecendo outras culturas de origem, outras línguas estrangeiras também as têm. Nessa perspectiva, reconhece-se do imigrante, então, um saber cultural em situação de imersão em que se considere a dinâmica da interculturalidade.

O perfil de muitos dos imigrantes refugiados retrata falantes bilíngues e até multilíngues. Aqueles que vêm de países do continente africano falam, via de regra, além do inglês ou do francês, línguas étnicas e/ou línguas crioulas. O mesmo ocorre com boa parte dos falantes do continente asiático, como os sírios e palestinos, que, além do árabe, falam inglês. Ou dos haitianos que, a par do francês, falam o crioulo haitiano. Muitos deles, inclusive, na rota de fuga, por viverem em outros países, acabam aprendendo outras línguas, antes de chegar ao Brasil, como os haitianos, que passam pelo Peru e Equador, e têm contato com o espanhol, por exemplo (AMADO, 2013, p. 8).

A partir dessas informações, incluindo o contexto de Portugal, a autora conclui que “as experiências multilíngues dos refugiados costumam trazer uma maior predisposição para lidar com a recepção das diferenças e das semelhanças no aprendizado de uma nova língua” (AMADO, 2013, p. 8).

É preciso considerar ainda que, no momento inicial de contato com uma nova língua, muitos refugiados mostram um bloqueio emocional que pode interferir na aprendizagem do português, visto que a sua condição vulnerável requer uma mediação do contexto social de fuga no passado, junto à desconstrução de sua nacionalidade resiliente, e da tentativa de integração em terra estrangeira no presente e o devir incerto nessa realidade.

Nesse sentido, aprender outra língua produz uma ruptura sobre o conhecimento anterior, apreendendo dialeticamente um novo plano, à medida que se estabelece uma ponte entre o eu e o outro – esse outro que também possui sua visão de mundo e linguagens estruturadas em suas convenções. Assim, “aprender uma língua é sempre, um pouco, tornar-se outro” (REVUZ, 1998, p. 227), pois é um movimento de aprendizagem que cria a dupla experiência da ruptura, ou deslocamento, do conceito de apoio anterior e da descoberta e apropriação do novo.

Narrativas do exílio: construção de uma identidade

Para discutir as questões identitárias no processo de migrações, especialmente dos grupos oriundos dos países que

despontam com pedidos de refúgio, são analisados cinco depoimentos veiculados nos meios de comunicação de notícias da Agência Brasil, do G1, da UOL e da BBC News Brasil, e cinco relatos do livro digital *Narrativas: exílios e encontros* (MVANGI et al., 2021). Tal procedimento, em que os participantes já vivem em território brasileiro há um tempo, em diferentes regiões, permite compreender suas percepções a partir de experiências vividas e interações culturais com brasileiros.

Os depoimentos veiculados na mídia referem-se a Abdul Jarour, Ahmed Hamed e Lucia Loxca, da Síria; Lina⁷, da República Democrática do Congo; e Mahboba Rezayy, do Afeganistão.

Dessa forma, considerando a fusão cultural já demarcada após certo domínio linguístico no Brasil, é possível observar as opiniões, crenças e autopercepções identitárias nas falas dos estrangeiros. Para isso, torna-se essencial abranger aspectos de sua integração longe dos números estatísticos e perto de uma visão humanizadora:

De que modo é afetada a alma quando lhe é subtraída a terra pátria sobre a qual se humanizou no decorrer de longos e intrincados processos históricos e psicológicos? Quanto tempo decorre até que essa inefável substância anímica possa fincar raízes em outro solo? A muda transplantada mingua, vinga, se adapta ou se transforma? A alma transmigrada é bem recebida pela outra, já presente e estruturada no lugar de desembarque?

⁷ O nome foi trocado na reportagem para preservar a identidade da entrevistada.

Será que facilmente encontra eco, ou resistência, será que é assimilada, interpenetrada, fertilizada e renovada, ou negada, oprimida, hostilizada, incompreendida? Será que a alma transmigrada consegue espelhar-se em novas paragens e refletir sua luz? (GAMBINI, 2006, p. 267).

Com base nesses questionamentos, é possível analisar as falas e os sentidos de nacionalidade dos imigrantes que se encontram em território brasileiro, incluindo os pontos de fusão: “Não sou a mesma pessoa que vivia na Síria. Sou outra pessoa. Absorvi uma nova cultura, uma nova língua. Hoje sou brasisírio”, revela Abdul Jarour:

Eu cheguei sozinho, mas conheci outros refugiados. Todo sábado à noite, nos reunimos e cozinhamos uma comida com os mesmos temperos que usávamos na Síria. E jogamos baralho, um jogo que costumávamos jogar. Conversamos sobre política, nos divertimos, usamos nossa língua nativa, nos conectamos com nossa identidade. **Mas fiquei meio misturado, porque o Brasil se tornou minha pátria também. Fiz uma vida aqui** (RODRIGUES, 2021, grifos nossos).

Essa mistura a que ele se refere também é percebida por sua conterrânea, Lucia Loxca:

Temos formação musical e, quando chegamos, sentimos a responsabilidade de transmitir a nossa história por meio da música. Buscamos preservar nossa cultura. Mantemos a língua em casa, as comidas tradicionais. **Mas não dispensamos um pão de queijo, um pastel. Sempre tentamos misturar as duas culturas.** Até porque a família cresceu e já tem

uma nova geração, que são brasileiros natos (RODRIGUES, 2021, grifos nossos).

Nas novas formas de relação com o outro, ao descobrir e conviver com outra cultura, não só a língua pode ser incompreendida ou causar um estranhamento inicial, mas também o modo de ser, os gestos, a linguagem não-verbal: “no Afeganistão, quando a gente se cumprimenta diz apenas ‘olá’ e dá um aperto de mãos. Mas no Brasil todo mundo se abraça. É difícil para mim porque sou muçulmana. Eu falo ‘desculpa’. Mas acho que algumas pessoas ficam tristes”, relata Mahboba Rezayy (REFUGIADOS..., 2022).

O processo de estranheza perdura desigual e desconfortável em determinados casos não só no início, visto que a sensação de não pertencimento se mantém quando o preconceito se sobrepõe ao acolhimento: “as pessoas viram e falam ‘tem muito estrangeiro no bairro...’, ‘por que você não volta pra sua terra?’ ou ‘o governo tá cuidando mais do imigrante do que do brasileiro’”, relato de Lina, da República Democrática do Congo, que vive no Rio de Janeiro (BARIFOUSE, 2022). Ela acrescenta ainda: “de onde eu venho, racismo não existe. O Brasil foi para mim uma grande escola da discriminação de seres humanos. [...] O Brasil recebe, mas não acolhe” (BARIFOUSE, 2022).

É perceptível, nesse sentido, que nem todos os depoimentos mostram uma harmonia quanto à integração. A falta de políticas socioculturais que reconheçam o multiculturalismo evidencia o reflexo das tensões discriminatórias já existentes no país, como o racismo, referente ao despreparo para acolher diversidades:

Dos 200 entrevistados que admitiram ter sofrido algum tipo de discriminação, apenas um deles não indicou o autor do ato. Isso dito, “cidadãos brasileiros” (ou seja, pessoas comuns) foram apontados como os principais agentes de atos de discriminação. É de se supor, assim, que esses atos ocorram em situações cotidianas, eventualmente no local de trabalho e/ou espaços públicos. Como um todo, freiam os processos integrativos (ACNUR, 2019, p. 53-54).

Segundo o padre Paolo Parise, da Missão Paz em São Paulo, os imigrantes “relatam experiências de preconceito religioso, racial [...]. O caminho para uma melhor convivência pode ser recuperar a história do Brasil, que é um país formado por migrantes, por refugiados” (REFUGIADOS..., 2022).

Em termos gerais, integração é o processo no qual o indivíduo constrói e mantém laços sociais de interdependência, e participa ativamente do tecido social. Isso permite dizer que não apenas os indivíduos estão integrados à sociedade, mas que a própria sociedade os integra, ou seja, está efetivamente integrada. [...] Os processos integrativos dependem muito dos capitais econômico e cultural de cada indivíduo migrante (ACNUR, 2019, p. 45).

Ainda que essa realidade seja, por vezes, dura e discriminatória, persiste o desejo de obter o refúgio no Brasil, indicando um potencial de integração no país: “Nós, refugiados, não somos um problema. Podemos fazer a diferença no Brasil”, afirma Ahmed Hamed, de Damasco, Síria, para São Paulo (TAKASHIMA, 2021). Ele continua: “Aqui, eu tenho nacionalidade

brasileira. Não está escrito refugiado em nenhum dos meus documentos. É um detalhe importante. Eu me emociono quando escuto o hino nacional brasileiro na escola. É a primeira vez que pertença a um lugar” (TAKASHIMA, 2021).

Das personagens de *Narrativas: exílios e encontros*⁸, incluem-se aqui os relatos de Gloire Nkialulendo, da República Democrática do Congo; Maiker Gutierrez, da Venezuela; Myria Tokmaji, da Síria; Ninoska Pottella, da Venezuela; e Russel Cerilia, do Haiti.

Em relação à língua portuguesa, os seguintes relatos trazem a percepção da inabilidade inicial, mas revelam e confirmam as marcas de plurilinguismo presentes em seus deslocamentos geográficos, sociais e, portanto, linguísticos, o que mostra o empenho na inserção nos territórios vividos. Para Gloire, “considerando tudo que está mencionado nesta obra, hoje eu me reconheço como uma verdadeira guerreira, como uma mulher altruísta, cidadã do mundo e plurilíngue, mas percebi isso só quando eu cheguei ao Brasil” (MVANGI et al., 2021, p.71). Relato semelhante ao de Russel, iniciado como autodidata:

Atualmente o português é a minha terceira língua, depois do francês e do lingala. Aprendi assim que cheguei em Curitiba, em 2017. Comecei com o aplicativo Duolingo. Depois, fui ter aulas no projeto PBMIH-Português Brasileiro para Migração Humanitária, da Universidade

Federal do Paraná (UFPR). Reforcei o idioma brasileiro com a prática no Programa de Pós-Graduação em Direito da UFPR (MVANGI et al., 2021, p. 71).

Para Maiker, “aprender a língua portuguesa tornou-se cada vez mais importante para mim. Desde minha chegada, me interessei por aprender o idioma” (MVANGI et al., 2021, p.114). Myria menciona não só o interesse, mas também a dificuldade em se mover na sociedade brasileira sem o conhecimento da língua:

Quando cheguei ao Brasil, me senti num paraíso, em paz e muito segura. Enxergava um monte de oportunidades e sonhava com meu futuro. Mas esta liberdade tinha o seu preço também. Enfrentamos muitas dificuldades nos primeiros anos. Especialmente o desafio do idioma, que dificultava muito a nossa integração no mercado de trabalho. Até coisas pequenas do dia a dia, como comprar um pão, documentação, transporte etc. para nós pareciam impossíveis (MVANGI et al., 2021, p. 147).

Quanto à identidade atual, centrada no autoconhecimento, os seguintes relatos expõem a mescla multicultural baseada em suas experiências muito além das fronteiras do passado e do presente. Gloire, por exemplo, inicia a afirmação de sua identidade a partir de sua origem: “Eu sou Gloire Nkialulendo, africana de nacionalidade congoleza, nascida em 26 de agosto de 1992, em Kinshasa, na República Democrática do Congo. Filha de Dieudonné Kialulendo Vangu e de Marie Rose Nzenza Kavungu. Quarta de uma família de oito filhos” (MVANGI et al., 2021, p. 64). Em seguida, ela descreve sua vivência no Brasil,

⁸ As organizadoras explicam que as línguas de escrita foram escolhidas com base na preferência dos entrevistados.

já imbricando as identidades aqui formadas por meio dos estudos junto à percepção de sua trajetória pessoal que permite, enfim, auxiliar conterrâneos igualmente em deslocamento:

Mestra em Direito no Programa de Pós-Graduação em Direito (PPGD) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). **Sou presidente da Associação BOMOKO, “Associação dos Africanos, Estudantes, Profissionais, Refugiados e Migrantes em Curitiba”. Além disso, sou uma mulher forte, uma mulher africana, uma mulher negra poderosa, uma mulher de oração e comportada** (MVANGI et al., 2021, p. 64, grifos nossos).

De forma semelhante, a fala de Maiker reconhece a transição de sua identidade múltipla:

Quando penso em quem sou, penso que a pergunta pode ter muitas respostas e todas elas estão condicionadas... Posso ser Maiker, um jovem rebelde que está prestes a completar 30 anos, aquele que nasceu em uma pequena cidade no interior da Venezuela [...]. Mais recentemente o Brasil também me deu pessoas incríveis, e a **cada dia que passa sou mais brasileiro, mas nunca menos venezuelano** (MVANGI et al., 2021, p. 76, tradução e grifos nossos)⁹.

⁹ No original: “Cuando pienso en quién soy creo que la pregunta puede tener muchas respuestas y todas ellas condicionadas... puedo ser Maiker, un joven rebelde que está cerca de cumplir los 30 años, ese que nació en una pequeña ciudad en el interior de Venezuela [...]. Más recientemente Brasil también me regaló personas increíbles, y es que a cada día que pasa soy más brasileño, aunque nunca menos venezolano.”

Ainda que possam ser considerados casos extremos, mas comuns, a experiência negativa de xenofobia se reflete tanto em áreas profissionais, quanto em preconceitos linguísticos:

Essa foi minha primeira experiência com xenofobia, porque, apesar de demonstrar meu conhecimento na área, o diretor me explicou que era muito difícil para ele oferecer tal oportunidade quando havia muitos brasileiros trabalhando de maneira informal... A partir daquele momento o trabalho na clínica não era mais o mesmo, mudou a atitude de alguns colegas com relação a minha pessoa, porque segundo eles eu estava ali com vontade de passar por cima deles. Lembro-me de ouvir frases como: “Nem português direito ele fala”. Foi quando decidi sair desse trabalho (MVANGI et al., 2021, p. 114).

Apesar desses eventos, superadas as inabilidades com o idioma, nota-se que diferentes comunidades culturais seguem construindo sua vida em comum aos brasileiros, fazendo emergir algo de sua identidade de origem como uma forma de reinvenção nesse espaço novo, e trazendo bagagens culturais que desejam ser expressas, sem esquecer que abandonar seu país não foi uma escolha, mas uma necessidade vital:

Essa mudança na vida foi radical para toda a minha família que veio pro Brasil, inclusive meus avós, de 80 anos, tios e primos. Mas, **graças a essa mudança, eu e minha família ainda estamos vivos e descobrimos outros talentos para reconstruir a nossa vida aqui no Brasil com esperança de um futuro**

melhor. [...] Mas essa saída foi muito marcante na minha vida, uma lição de vida, posso dizer, para você escolher aquilo que importa e deixar tudo pra trás para salvar a vida, salvar a alma. **Cada um de nós levou alguma coisa na bagagem interna, como a culinária, a música, a arte, a língua e muitas outras coisas. Então tentamos trazer até se fosse 1% da nossa cultura da Síria, para transmitir para o povo brasileiro aqui** (MVANGI et al., 2021, p. 121).

Para Ninozka, sua imigração ao Paraná permite oferecer material único para suas criações futuras que mostrarão uma parte de sua identidade entremeada:

O Sul do Brasil me deixou descobrir que aquele céu acinzentado me traz uma tímida melancolia que eu continha no mais recôndito do meu ser e que de outra forma seria quase impossível brotar. Que o frio me faça evocar abraços, carícias e ao mesmo tempo aprender a interpretar o sentimento que a solidão dá, respeitá-lo, compreendê-lo e nutri-lo **para que mais tarde, como um milagre, eu possa fazer disso minha arte para todos com a nuance que ser imigrante dá** (MVANGI et al., 2021, p. 82, tradução e grifos nossos)¹⁰.

¹⁰ A mi el Sur de Brasil me deixo descubrir que ese cielo grisáceo saca de mi una tímida melancolía que contenía en lo más recóndito de mi ser y que de otro modo era casi imposible que brotara. Que el frío me hace evocar abrazos, caricias y a la vez aprender a interpretar el sentimiento que da la soledad, respetarla, comprenderla y nutrirme para luego como milagro hacer de eso mi arte para todos con el matiz que da ser una inmigrante.

Essa fusão cultural, em maior ou menor grau, configura uma transformação no migrante e nos brasileiros, pois as fronteiras de identidades são atravessadas pelos conhecimentos e pelas impressões que o contato de culturas pode constituir em uma reflexão acerca de nossas próprias fronteiras.

Considerações finais

O reconhecimento do estrangeiro em situação de refúgio por políticas públicas refletiria um novo modelo sociocultural e político no contexto brasileiro. Caberia, sob essa perspectiva, assumir a construção de interculturalidade das identidades multiculturais no âmbito oficial de políticas linguísticas, diminuindo, por sua vez, a dependência e pressão do voluntariado pela sociedade civil na oferta de cursos de português como língua de acolhimento.

O acolhimento, na experiência multicultural com o outro, opõe-se à falsa ideia de monocultura, uma vez que há uma dinâmica que movimenta os modos de viver, de pensar e de se expressar, criando um sentido coletivo de inserção em uma sociedade já constituída anteriormente pela diferença e por alteridades.

Embora complexo, ao contrário do silenciamento, a compreensão e conhecimento das diferenças acentuam a interculturalidade, perpetuando um multiculturalismo interativo por meio da expressão de identidades de diversos grupos no contato de suas culturas, afastando-os da

exclusão social e da discriminação étnica ou religiosa.

Tais fatores propiciam condições de adaptação para a nova re-existência no país de acolhida, com a perspectiva de que sua identidade cultural seja um elemento determinante da dignidade humana, uma vez que propicia ao sujeito a percepção de seu próprio ato de viver, de estar presente nesse lugar em que habita e, conseqüentemente, de seu papel na sociedade, tornando-o capaz de vislumbrar o sentido de pertencimento, e formando, assim, uma nova construção da história identitária não somente para eles, mas também para nós.■

[NEIDE TOMIKO TAKAHASHI]

Doutora em Letras (Língua e Literatura) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP).

Docente do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação (CELACC) da Universidade de São Paulo.

E-mail: neidetak@gmail.com

Referências

ACNUR – ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS. **Perfil socioeconômico dos refugiados no Brasil**: subsídios para elaboração de políticas. Brasília, DF: Acnur, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2XKVqZb>. Acesso em: 20 jan. 2022.

AMADO, Rosane de Sá. O ensino de português como língua de acolhimento para refugiados. **Revista SIPLE**, Brasília, DF, ano 4, n. 2, p. 11-18, 2013.

AMORELLI, Naira. A xenofobia no Brasil e no mundo. **Laboratório de Demografia e Estudos Populacionais**, Juiz de Fora, 29 jun. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3UsexDG>. Acesso em: 23 maio 2022.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BARIFOUSE, Rafael. “Brasil recebe, mas não acolhe”: violência, preconceito e pobreza fazem com que congoleses pensem em deixar o país. **BBC News Brasil**, São Paulo, 5 fev. 2022. Disponível em: <https://bbc.in/3itOnFg>. Acesso em: 23 maio 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BRASIL. Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 135, n. 139, p. 15822-15824, 23 jul. 1997. Disponível em: <https://bit.ly/3Utqqt4>. Acesso em: 24 mar. 2022.

BRASIL. Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017. Institui a Lei de Migração. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 154, n. 99, p. 1-10, 25 maio 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2Ebnqxf>. Acesso em: 22 mar. 2022.

BYRAM, Michael; GRIBKOVA, Bella; STARKEY, Hugh. **Developing the intercultural dimension in language teaching**: a practical introduction for teachers. Strasbourg: Council of Europe, 2002.

CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T; FURTADO, A; DICK, P; QUINTINO, F; GUIMARÃES, B. Acompanhamento de fluxo e empregabilidade dos imigrantes no Brasil: Relatório Mensal do OBMigra Ano 2, Número 12, dezembro de 2021/ Observatório das Migrações Internacionais; Brasília, DF: OBMigra, 2021. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relatorios-mensais>. Acesso em 22 mar 2022.

CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T; FURTADO, A; DICK, P; QUINTINO, F; GUIMARÃES, B. Relatório Mensal do OBMigra. 2022/ Observatório das Migrações Internacionais; Brasília, DF: OBMigra, 2022. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relatorios-mensais>. Acesso em 20 maio 2022.

CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. Relatório Anual 2021 – 2011-2020: Uma década de desafios para a imigração e o refúgio no Brasil. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2021.

CHAUÍ, Marilena. O conhecimento. In: CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2000. p. 136-224.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Unesp, 2003.

EDWARDS, Adrian. “Refugiado ou Migrante? O ACNUR incentiva a usar o termo correto”. Genebra: Acnur, 2015. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2015/10/01/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto/> Acesso em: 20 jan. 2022.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GAMBINI, Roberto. Corações partidos no porto de Gênova. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 57, p. 264-296, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3OZoE22>. Acesso em: 21 mar. 2022.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo horizonte: UFMG; Brasília, DF: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

KRAMSCH, Claire. Cultura no ensino de língua estrangeira. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 134-152, 2017.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MANTOVANI, Flávia. Refugiados consideram brasileiros acolhedores, mas sofrem discriminação, diz pesquisa. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 24 mar. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3unbdPT>. Acesso em: 2 maio 2022.

MVANGI, Gloire Nkialulendo et al. **Narrativas**: exílios e encontros. Curitiba: Ed. dos Autores, 2021.

ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Geneva: ONU, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3gVIgra>. Acesso em: 26 maio 2022.

REFUGIADOS buscam novas oportunidades no Brasil; entenda os desafios. **G1**, Rio de Janeiro, 18 abr. 2022. Disponível em: <http://glo.bo/3FlwRdq>. Acesso em: 15 maio 2022.

REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, Inês (org.). **Língua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998. p. 213-230.

RODRIGUES, Leo. “Sou brasisírio”: conheça refugiados de uma guerra que já dura 10 anos. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 15 mar. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3FmrUkP>. Acesso em: 15 maio 2022.

SIMMEL, Georg. O estrangeiro. In: SIMMEL, Georg. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 182-188.

TAKASHIMA, Aline. Uma nova chance. **Ecoa**, São Paulo, 14 out. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3XMePIN>. Acesso em: 2 maio 2022.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. Estrangeiros na metrópole: territórios e fronteiras da alteridade em São Paulo. **Revista USP**, São Paulo, n. 114, p. 45-54, 2017.

20 DE JUNHO – dia mundial do refugiado. **Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM)**. São Paulo: SPM, 2022. Disponível em <https://spmnacional.org.br/2022/06/20/diamundialdorefugiado/#:~:text=Em%202021%2C%20de%20acordo%20com,do%20verificado%20h%C3%A1%2010%20anos.&text=O%20termo%20pessoas%20deslocadas%20%C3%A0,venezuelanos%20deslocados%20para%20o%20estrangeiro>. Acesso em 20 jun 2022.